



**Paulo Sousa**

**O aluno brilhante que  
quase desistiu do liceu**



**A**té chegar à escola secundária, o sonho de Paulo Sousa contrariava as estatísticas: queria ser professor de Matemática. Mas acabou por descobrir o gosto por computadores e tirou a licenciatura em Informática na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Foi o melhor aluno do curso. Depois, não muito tempo, seguiu para um doutoramento na mesma faculdade. Teve 19 valores na parte lectiva do doutoramento e a tese foi aprovada com a unanimidade e louvor do júri. Desde a primária que as notas sempre foram boas. Mas Paulo Sousa, hoje com 29 anos e professor universitário, vencedor recente do prémio IBM para jovens investigadores portugueses na área da informática, chegou a estar muito perto de abandonar os estudos.

Natural da Brandoa, um subúrbio de Lisboa, já no concelho da Amadora, pensou em deixar a escola quando frequentava ainda o 10.º ano do curso tecnológico de administração (o que queria mesmo era o curso tecnológico de informática, mas esse acabou por não abrir). A explicação é simples: “A minha família não tinha muito dinheiro.”

Foram os professores da escola

secundária da Brandoa – “muito bons” professores, sublinha Paulo Sousa – que encontraram a solução: “Motivaram-me a candidatar-me a uma bolsa.” Acabou por conseguir ser bolseiro da Gulbenkian e beneficiar de um apoio que se destinava a alunos com carências económicas e que tivessem bom desempenho escolar. Daí até ao fim do curso na faculdade, conseguiu sempre bolsas de estudo.

Paulo Sousa admite que as boas classificações (candidatou-se ao ensino superior com “19 e qualquer coisa”) não caíam do céu. “Estudei muito no secundário. E até me custou mais do que na universidade, porque no secundário não gostava de todas as disciplinas.” Já durante os quatro anos de licenciatura (entrou em 1997, quando o curso de Informática ainda não era uma engenharia e o quinto ano era opcional), o tempo que passava em frente aos livros ou ao monitor do computador fazia

**Na investigação, ganhava um pouco menos. “Ia ter melhor qualidade de vida, não ia ter de usar gravata”**

com que “não saísse tanto” como alguns colegas. Mas garante que não deixou de se divertir e socializar.

Dos tempos de estudante, mantém muitos amigos. E até diz ter sido em parte graças a eles que conseguiu a média final de curso de 18 valores, que lhe valeu o prémio de melhor aluno da licenciatura em Informática (depois de já ter sido o melhor aluno de toda a faculdade no ano lectivo anterior e o segundo melhor no ano de estreia). “Em informática, os grupos [de colegas] com que se trabalha contam muito. Alguns colegas meus acabaram com médias mais baixas porque não tinham bons grupos para trabalharem nos projectos.”

### **Não à gravata**

No currículo de Paulo Sousa, onde abundam referências a artigos científicos publicados e conferências em que participou, só há uma breve alínea na secção da “experiência profissional”. Foi um trabalho para a empresa de telecomunicações Novis, que não durou mais de dois meses: Agosto e Setembro de 2000, mesmo antes de avançar para o último ano da licenciatura.

O então estudante candidatou-se através de uma feira de emprego da universidade. Era um trabalho de Verão e o dinheiro dava jeito para pagar a viagem de finalistas. Terminados os dois meses, a empresa →

*Aos 29 anos, ganhou o mais importante prémio para investigadores portugueses na área da informática. Recusou trabalhar em empresas por uma questão de qualidade de vida (e para não ter de usar gravata). Por agora, prefere o meio universitário. Texto de João Pedro Pereira Fotografia de Nuno Ferreira Santos*



← convidou-o a ficar. A ideia era começar a trabalhar e fazer o último ano do curso em “part-time”. Não aceitou. Achou que se tivesse um emprego iria demorar vários anos a chegar ao fim da licenciatura.

Já com o curso acabado, um dos professores tentou convencê-lo a avançar para o doutoramento. Paulo não se sentia preparado. Achava que não tinha maturidade. Foi neste ponto que poderia ter deixado a faculdade. As ofertas de emprego no mundo empresarial, porém, “não compensavam” e a opção foi continuar no meio académico. A melhor proposta, recorda, foi da Siemens: 300 contos. No projecto de investigação em que trabalhou durante dois anos logo depois de se licenciar ganhava “um bocadinho menos”. Porquê optar por um salário mais baixo? “Ia ter melhor qualidade de vida, não ia ter de usar gravata, isso é uma coisa a que dou valor.”

Após esses dois anos a ganhar a maturidade que acreditava faltar-lhe, decidiu avançar para o doutoramento. Tinha

● Nome	Paulo Jorge Paiva de Sousa
● Idade	29 anos
● Naturalidade	Amadora
● Formação	Licenciatura e doutoramento em Informática na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
● Tempos livres	“Coisas corriqueiras”: ler, ir ao cinema e jogar futebol “de vez em quando”

24 anos. O tema da tese (um trabalho na área da segurança informática) acabou por ser adaptado e apresentado ao júri do Prémio IBM, um importante galardão na área das ciências da computação, destinado a investigadores portugueses até aos 36 anos, que teve Paulo Sousa como vencedor.

### Vida de professor

Ensinar “dá mais trabalho” do que fazer investigação científica. Como é habitual numa carreira académica, Paulo Sousa mantém em paralelo as duas actividades. E gosta de ambas.

Actualmente, é professor auxiliar convidado na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e prepara-se para já no próximo ano ser um dos docentes no mestrado que a universidade lecciona em parceria com a prestigiada universidade norte-americana de Carnegie Mellon. No entanto, ainda não está na trajectória principal para uma carreira docente. “Para isso, era preciso não ter o

‘convidado’ [na designação do cargo]”, explica sorridente, referindo-se ao facto de serem necessários cinco anos de serviço como professor auxiliar para poder aspirar à nomeação definitiva, ou seja, “à entrada no quadro da universidade”. Os anos de trabalho dos professores convidados não são contabilizados. E Paulo Sousa admite ser “muito complicado iniciar uma carreira académica” e conseguir uma vaga no quadro de uma universidade.

Por agora, diz-se contente com o que faz. A vida de professor e investigador oferece não apenas o tipo de qualidade de vida que aprecia, mas proporciona ainda “desafios constantes”. Contudo, uma carreira no mundo empresarial não está posta de parte: “Depende das possibilidades que surgirem.”

Com um currículo capaz de abrir muitas portas, a verdade é que Paulo Sousa não sabe onde poderá estar dentro de alguns anos. “Sinceramente, não faço ideia. Gostaria de estar nesta universidade.” ●